

# QUANDO A MEMÓRIA PARALISA, O ABSURDO SE ESTABELECE - DIÁLOGOS DO TEATRO DO ABSURDO COM O COMPORTAMENTO CONTEMPORÂNEO

Annalies Barbosa Borges<sup>1</sup>  
Gilson Brandão Costa<sup>2</sup>

## resumo

Objetiva traçar um paralelo entre os elementos do Teatro do Absurdo e o comportamento humano na contemporaneidade, dialogando com alguns conceitos apresentados por teóricos como Lapoujade, Deleuze e Le Breton, que abordam sobre os mecanismos de controle da sociedade que levam o homem a um desgaste e esvaziamento. Por outro lado, também buscou-se investigar como a arte com elementos do absurdo pode ser o caminho para superar essa entrega ao ilogismo da condição humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade de Controle. Memória. Teatro do Absurdo.

## abstract

It aims to draw a parallel between the elements of Theater of the Absurd and human behavior in

---

1 Mestranda em Artes pelo Mestrado Profissional em Artes do IFCE. Pós-Graduada no curso de Especialização em Semiótica aplicada à Literatura e áreas afins pela UECE. Graduada em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa/Literatura pela UECE (2004). Atriz profissional formada pelo Curso de Arte Dramática da Universidade Federal do Ceará em 2009, atua como atriz e dramaturga desde 2001. Professora efetiva de Língua Portuguesa do campus IFCE Baturité.

2 Doutor em Artes pela UFMG, com tese sobre o Teatro Radical Brasileiro, criado pelo ator, diretor e dramaturgo Ricardo Guilherme. Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1991) e Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2009). Atualmente é professor de Teoria e Prática Teatral, no Curso de Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal do Ceará.

contemporary times, dialoguing with some concepts presented by theorists such as Lapoujade, Deleuze and Le Breton, who address the mechanisms of control in society that lead man to wear and tear and emptying. On the other hand, it also sought to investigate how art with elements of the absurd can be the way to overcome this surrender to the illogism of the human condition.

**KEYWORDS:** Controlling Society. Memory. Theater of the Absurd.

---

## introdução

O presente estudo busca investigar as relações existentes entre os elementos caracterizadores do Teatro do Absurdo e alguns comportamentos da sociedade contemporânea, tendo em vista: a tendência ao automatismo do homem; o negacionismo diante da realidade; a repetição como aliada aos procedimentos deste negacionismo; e a utilização das redes sociais como ferramenta de alternativas de linguagem humana (curiosamente através de um diálogo mediado pela máquina), o que também direciona a uma virtualização das relações. Ao final, é apresentada uma breve reflexão de como a arte, e mais especificamente o Teatro do Absurdo, pode nos fazer compreender e resistir aos absurdos da realidade contemporânea.

Em um primeiro momento, é preciso resgatar o significado de absurdo e ressaltar aqui em que sentido este se faz presente: nos atos e afirmações da sociedade atual; na fragmentação da identidade (e aqui é feita uma associação com o texto de Lapoujade, "O corpo que não aguenta mais") e no cansaço diante dos automatismos que a realidade nos impõe; na falência da linguagem e dos conceitos que, do campo da linguagem, partem para afirmações absurdas ou negacionismos.

Num segundo momento, aborda-se mais especificamente o corpo e mente fragmentados, reprodutores e seguidores de declarações impactantes e que vão de encontro a conceitos comprovados, ou seja, o advento de fake news, do negacionismo da ciência, da banalização da miséria humana e da supervalorização de uma imagem virtual perfeita mesmo diante de uma realidade imperfeita.

Ao final, o artigo se propõe a uma breve exposição de como a arte em geral, dialogando com elementos do Teatro do Absurdo, pode nos fazer refletir sobre o caos da realidade contemporânea, mostrando-nos um caminho para uma potencialidade de nossos aspectos humanos.

Conclui-se que o Absurdo pode ser a via para compreendermos os poderes simbólicos que nos controlam, levando-nos a crer numa realidade sugestionada pela trama narrativa. O uso

de uma linguagem poética ou mesmo da comicidade também podem ser reveladores para o público, pois quebram sua artificialidade programada e atingem o âmago de sua existência conturbada, gerando a possibilidade de reação.

## da máquina civilizatória às novas tecnologias alienantes

Pensar sobre o absurdo em ação na contemporaneidade é, no mínimo, um difícil exercício de observação. Isso se dá, pois refletir de forma objetiva sobre o contexto em que estamos inseridos, repleto de comportamentos e representações do cotidiano que nos espantam, é um desafio, já que estamos vivenciando o absurdo. Devemos nos desviar de uma tendência a um olhar subjetivo de análise e conciliar razão a uma poética de compreensão dos desdobramentos que resultam da crise estabelecida pela percepção do vazio em que estamos inseridos.

Antes de iniciar a primeira parte da análise aqui proposta, destaca-se o conceito de absurdo e como ele se manifesta na vida e na estética, com ênfase no Teatro do Absurdo. Em seu ensaio "O Teatro do Absurdo", Esslin (2018) explica:

"Absurdo" originalmente significa "fora de harmonia", num contexto musical. Daí sua definição de dicionário: "em desarmonia com a razão e a propriedade; incongruente, irracional, ilógico." Em linguagem corrente, "absurdo" pode querer dizer apenas "ridículo", mas não é nesse sentido que Camus usa a palavra, nem tampouco é assim que é empregada quando falamos do Teatro do Absurdo. Em ensaio sobre Franz Kafka, Ionesco definiu sua concepção do termo da seguinte maneira: "Absurdo é aquilo que não tem objetivo. ... Divorciado de suas raízes religiosas, metafísicas e transcendentais, o homem está perdido; todas as suas ações se tornam sem sentido, absurdas, inúteis".<sup>3</sup>

A partir disso, entende-se a relação do homem e sua existência absurda, ou seja, "a falta de sentido da condição humana e da insuficiência da atitude racional por um repúdio aberto dos recursos racionais e do pensamento discursivo" (ESSLIN, 2018), pois esses são os elementos presentes na proposta do Teatro do Absurdo e que serão aqui também abordados nesse artigo.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o mundo ocidental passa por um momento de incertezas, em que as crenças, as relações, a cultura, a linguagem e a própria existência perdem o sentido. As convenções sociais são questionadas e há um avanço de comportamentos que tendem ao absurdo, como expressão ou reflexo da sociedade contemporânea, que intensifica um processo de degradação da própria condição de existência humana. Paralelo a essa percepção do vazio por parte do homem ocidental contemporâneo, surge uma questão já muito debatida por teóricos, filósofos e pesquisadores das ciências humanas: o esgotamento dos nossos corpos por meio das máquinas civilizatórias e das tecnologias disciplinares.

---

3 ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. Tradução de Bárbara Heliodora e José Roberto O'Shea. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 23.

Lapoujade em seu texto “O corpo que não aguenta mais” (2002) indica os impactos que uma sociedade que dociliza nossos corpos (e mentes) proporciona. O texto mostra um entendimento de que o excesso de deformações que esse corpo sofre de tantos agentes que querem moldá-lo ou adestrá-lo, leva-o ao limite do insuportável.

Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não aguenta mais. Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele. Os corpos não se formam mais, mas cedem progressivamente a toda sorte de deformações<sup>4</sup>.

Mais adiante, o autor afirma que a resposta para o que o corpo não aguenta mais é dupla, estando ligada ao que o submetemos do exterior (ou seja, o adestramento e a disciplina advindos da máquina civilizatória em que estamos inseridos), mas também do que vem de dentro (os instintos que contemos e aquilo que, de fato, interiorizamos, transformando em assujeitamento).

Em artigo intitulado “Máquina-homem, máquina-corpo - um adeus ao corpo”, Moraes (2015) faz um paralelo entre o texto de Lapoujade, os estudos de Peter Pál Pelbart e de Foucault, aprofundando mais essa questão:

Por sua vez, *esticado* pelo filósofo húngaro-brasileiro Peter Pál Pelbart, o fato atestado por Lapoujade é seguido da questão do que esse corpo estaria farto, o que ele não aguentaria mais? Para Pelbart (2011), o corpo estaria cansado da máquina civilizatória, do adestramento, e na esteira de Foucault, de “(...) sua docilização por meio das tecnologias disciplinares”<sup>5</sup>

Esse não aguentar se traduziria numa espécie de gagueira de um corpo esgotado do controle sobre sua forma, como se não pudesse mais responder às propostas artificializantes, mas ao mesmo tempo o agente do próprio corpo não tivesse mais controle sobre ele. Isso resultaria num corpo que paralisa, mas em busca de um ponto de fuga (ou, nas palavras de Deleuze, uma linha de fuga, um devir). Nesse sentido, Lapoujade debruça seu olhar para a arte de Beckett<sup>6</sup> que, em seu Teatro, apresenta personagens que representariam essa transformação dos corpos sociais.

Somos como personagens de Beckett, para os quais já é difícil andar de bicicleta, depois, difícil de andar, depois, difícil de simplesmente se arrastar, e depois ainda, de

---

4 LAPOUJADE, Davi. O Corpo que não aguenta mais. In: GADELHA, Sylvio (orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. p. 82.

5 MORAES, Igor Dreyde de Sousa. Máquina-homem, Máquina-corpo – Um adeus ao corpo. In: Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, VI, 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [publicação digitalizada]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. p. 01.

6 Lapoujade no referido texto debruça-se mais especificamente sobre a obra Esperando Godot de Samuel Beckett, tendo em vista o comportamento e caracterização das personagens que compõem a proposta do Teatro do Absurdo. (Nota da autora).

permanecer sentado. Como não se mexer, ou então, como se mexer só um pouquinho para não ter, se possível, que mexer durante um longo tempo? É, sem dúvida, o problema central dos personagens de Beckett, uma das grandes obras sobre os movimentos dos corpos, movimento de si e entre os corpos.<sup>7</sup>

Dessa forma, na contemporaneidade, o que podemos perceber é que nossos corpos estão em processo de paralisia como uma forma de resistir às deformações sociais. Alguns, no entanto, talvez já bastante assujeitados, apresentam comportamentos já previstos e desejados por uma nova forma de atuação de controle social sobre o corpo, o que ultrapassa os modelos das sociedades disciplinares. Conforme Deleuze afirma:

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo<sup>8</sup>.

Tendo em vista esse novo modelo de controle sobre o corpo, o comportamento e a mente do indivíduo em sociedade, nosso corpo anteriormente sujeito às regras disciplinadoras da máquina civilizatória, inicia um novo processo de cansaço que, ao mesmo tempo, utiliza-se das novas tecnologias para aliená-lo. Tudo isso em conjunto e num processo sucessivo de docilização e adestramento dos corpos e mentes gerou um ator social cujo comportamento é também controlado e o pensamento é esvaziado. Soma-se a isso uma maior acentuação dos abismos sociais e do fortalecimento de valores que caracterizem classes sociais específicas e acentuadamente estratificadas, gerando um maior, e desejado, distanciamento entre elas.

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores. Hoje, sem dúvida, sob a égide do consumo e sob o efeito do crescimento das classes médias, sob o efeito também da emergência da sensibilidade individualista que dá ao ator uma margem de manobra menos estreita que anteriormente, as oposições não são tão nítidas quanto foram nos anos 1960-1970. A reflexão sobre a determinação, em termos de classes sociais, das representações e das atitudes com relação ao corpo é marcada pela sociologia de Pierre Bourdieu e principalmente pelo artigo de fundo de L. Boltanski sobre "Os usos sociais do corpo". "O corpo, escreve Bourdieu, é a objetivação menos irrefutável, do gosto de classe". As conformações externas corporais

---

7 LAPOUJADE, Davi. O Corpo que não aguenta mais. In: GADELHA, Sylvio (orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. p. 82.

8 DELEUZE, Gilles. "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle". In: **Conversações (1972 - 1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 220.

seriam as representações de compleições, físicas mais amplas envolvendo o conjunto das condutas próprias aos "agentes" de uma classe social. A compleição física é uma fórmula geradora de comportamentos e de representações ligados à posição de classe. "As regras, escreve L. Boltanski, que determinam as condutas físicas dos sujeitos sociais, e cujo sistema constitui sua "cultura somática", são o produto das condições objetivas retraduzidas na ordem cultural, quer dizer, na maneira do dever ser e, mais precisamente, são função do grau com que os indivíduos retiram os meios materiais de existência da atividade física, da venda das mercadorias que são o produto dessa atividade, ou do modo como usa a força física e de sua venda no mercado de trabalho".<sup>9</sup>

Para que se possa alcançar a formação desses sujeitos controlados, advindos de um processo de maquinização desses corpos, alia-se a isso, como já dito, uma espécie de esvaziamento do pensamento ou mesmo da memória. Essa memória-corpo é diariamente (e principalmente com as novas tecnologias, as redes sociais, o uso imersivo da internet) atravessada por diversas informações e estímulos, por vezes incompletos, que levam à própria mente a não aguentar mais, gerando uma memória cansada, "uma memória 'hiperventilada', 'estancada' em um duplo em que passado-futuro, lembrança-projeto se atravessam" (MORAES, 2015).

Diante disso, a tendência dessa memória-corpo, desse homem-máquina é o esquecimento, o que tem gerado um comportamento preocupante nos homens e mulheres da sociedade atual: a negação dos conceitos e do pensamento científico; a crença em fake news; a dúvida sobre os fatos históricos (que, mesmo comprovados e documentados, são questionados se verdadeiramente ocorreram); o uso e a compreensão fragmentada da linguagem (e muitas vezes absurda); a relativização de situações inconcebíveis como a destruição do meio ambiente e a desigualdade social.

Dessa forma, diante dessa tendência a um domínio de forças irracionais, a arte, e principalmente aquela que dialoga com os conceitos do absurdo, pode ser uma forma de desconstruir esse comportamento da contemporaneidade, como um empreendimento de saúde, trazendo aqui o conceito de Deleuze (1997), a essas mentes-corpos tão adoecidos por tantos mecanismos de controle.

## **quando a memória paralisa, o absurdo se estabelece**

Pensar sobre o percurso que nos leva à paralisação e cansaço de nossas memórias é necessário para que possamos compreender os processos de negação do pensamento racional e científico e o estabelecimento do absurdo nos atos e discursos da sociedade contemporânea. Dessa forma, realiza-se aqui um diálogo entre o significado do absurdo, tendo como referência os estudos de Esslin (2018), e o comportamento social da atualidade.

---

<sup>9</sup> LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 81-82.

Em primeiro lugar, um dos fenômenos da modernidade foi o surgimento de um mundo privado de um princípio coordenador, um mundo desconexo e, muitas vezes, sem objetivo. Essa relação de falta de sentido, apresentada por Albert Camus na descrição do mito de Sísifo, em que ocorre uma sensação de eterna punição com a queda da pedra que carregamos todos os dias para levar ao topo da montanha, gera sobre o que fazemos, sobre o trabalho que realizamos, uma inutilidade. Essa falta de perspectiva cria a ausência de esperança, a alienação de sentido de nosso papel social, como se nos perdêssemos de nós mesmos. Somos Sísifos, Pedros Pedreiros, Estragon e Vladimir, numa vida que se repete numa existência absurda.

Nesse sentido, diante da nulidade de suas ações no mundo, o homem encaminha-se para um processo de mergulho no vazio, como reflexo da inconsistência da realidade em que se insere, da vida e sua mecanicidade sem propósito. Tornamo-nos uma máquina sem sentido.

Em certos momentos de lucidez, o aspecto mecânico de seus gestos, sua pantomima insensata, torna estúpido tudo que os cerca. Um homem fala ao telefone por trás de uma parede de vidro - não podemos ouvi-lo, mas podemos observar seus gestos triviais. Perguntamo-nos, por que razão ele vive? O mal-estar diante da própria desumanidade do homem, o indescritível desapontamento que temos ao nos defrontarmos com a imagem do que somos, esta "náusea", como a chama um escritor contemporâneo, também é O Absurdo.

Apresenta-se na contemporaneidade de forma cada vez mais forte o absurdo da condição humana.

Os homens que em sua vida cotidiana enfrentam um mundo que se dividiu numa série de fragmentos desconexos e perdeu seu objetivo, mas que não tem mais consciência desse estado de coisas e do seu efeito desintegrador sobre suas personalidades, são colocados frente a frente com uma representação exagerada desse universo esquizofrênico.<sup>11</sup>

Com relação ao trecho citado acima, pode-se exemplificar alguns comportamentos que exemplificam, na atualidade, essa desintegração da personalidade, como a relação com o ambiente virtual nas redes sociais após o advento da popularização do uso da internet e suas ferramentas.

Sobre a questão da virtualidade, um primeiro fator que se destaca é o fato de que muitos jovens do início do século XXI tendem a substituir a vida presencial pelas relações estabelecidas nas redes sociais. Facebook, Whatsapp, Twitter, Instagram, dentre outras plataformas de comunicação tornam-se mais utilizadas para o ato do encontro do que propriamente o encontro

---

10 CAMUS apud ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. Tradução de Bárbara Heliodora e José Roberto O'Shea. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 344.

11 ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. Tradução de Bárbara Heliodora e José Roberto O'Shea. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 354



físico, presencial. A realidade virtual parece ser tão intensa que nicknames e avatares tornam-se a personificação digital, a identidade e presença de alguém no universo digital, mais até do que uma foto e seu nome social atrelado ao seu RG ou CPF. Não bastasse a fragmentação de nossa identidade devido às exigências da máquina civilizatória em nosso corpo, a internet surge também com suas regras próprias e um contexto que reconstrói e simula nosso ser para um outro universo. E as ferramentas digitais contribuem para isso a partir do momento que podem alterar nossa imagem exposta nas redes (mesmo nos Stories do Instagram, no ato “ao vivo” da comunicação virtual).

Um fato que também chama a atenção nesse contexto é a necessidade de se fabular, construir narrativas de vidas perfeitas que possam ser apresentadas online. A linguagem digital é usada para construir simulações da realidade de cada indivíduo. Nem tudo é o que parece, muito do que se vê são disfarces ou ângulos fragmentados do real, uma forma de fabulação do real. Isso aparece na escolha de imagens, nos discursos proferidos, em que novamente o homem torna-se uma máquina, agora cibernética, de vidas perfeitas e imagens idealizadas.

Sobre essa questão da simulação, é importante ressaltar a diferença desta para a dissimulação. Para isso, apresentam-se como referência os conceitos de Baudrillard (1991):

Dissimular e fingir não ter o que se tem. Simular e fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir: <<Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas.>> (Litré.) Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do <<verdadeiro>> e do <<falso>>, do <<real>> e do <<imaginário>>. <sup>12</sup>

Nesse sentido, a realidade simulada é o que se quer alcançar e parece, para muitos, mais real do que a própria realidade. No entanto, fora das redes, muitas vezes a realidade não corresponde à imagem que construímos de nós mesmos para sermos valorizados por curtidas virtuais e anônimas. Aliás, esse é um outro aspecto de um comportamento absurdo, o desejo de ser reconhecido pelo número de curtidas ou de seguidores no Instagram. Uma relação impessoal com o outro, mediada pelo cyber universo.

Como consequências dessa nova forma de controle do comportamento humano, a linguagem passa a ser questionada também, pois não se tem mais certeza do que é fato e do que é simulação. Isso também porque a internet nos proporciona tantas informações, por tantos meios e de forma tão imediata, que o sentido desses fatos passa a ser questionado pelo indivíduo. Esse aspecto da circulação acelerada de sentido já se inicia com os antigos meios

---

<sup>12</sup> BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Editora: Relógio d'Água, 1991. p. 09-10.



de comunicação de massa e se fortalece ainda mais com o advento da internet. Baudrillard explica que:

Em toda a parte a socialização mede-se pela exposição às mensagens mediáticas. Está dessocializado, ou é virtualmente associal, aquele que está subexposto aos media. Em toda a parte é suposto que a informação produz uma circulação acelerada do sentido, uma mais-valia de sentido homólogo à mais-valia econômica que provem da rotação acelerada do capital. A informação é dada como criadora de comunicação, e apesar do desperdício ser enorme, um consenso geral pretende que existe, contudo, no total, um excesso de sentido, que se redistribui em todos os interstícios do social — assim como um consenso pretende que a produção material, apesar dos seus disfuncionamentos e das suas irracionalidades, resulta ainda assim num aumento de riqueza e de finalidade social. Somos todos cúmplices deste mito. E o alfa e o ômega da nossa modernidade, sem o qual a credibilidade da nossa organização social se afundaria. Ora, o facto é que ela se afunda, e por este mesmo motivo. Pois onde pensamos que a informação produz sentido, é o oposto que se verifica. A informação devora os seus próprios conteúdos. Devora a comunicação e o social.<sup>13</sup>

Dessa forma, percebe-se que o homem comum contemporâneo, diante da forte exposição de informações dos meios de comunicação de massa aliada à falta de sentido da existência, torna-se cético diante dos fatos comprovados, muitas vezes duvidando ou negando o pensamento e o método científico. Além disso, a falência da linguagem se estabelece e é tão profunda que um fato que ocorra na presença de muitas pessoas, ao ser noticiado pelas mídias sociais, pode ser posto em dúvida pelos discursos ali conflitantes, fazendo surgir novas versões (muitas delas, inclusive, lançadas nas próprias redes sociais e que podem sobrepor-se aos fatos).

Exposto ao ataque incessante e inexoravelmente loquaz dos meios de comunicação de massa, da imprensa e da publicidade, o homem comum vem se tornando cada vez mais cético em relação à linguagem à qual é exposto. (...) Um abismo monumental foi aberto entre a linguagem e a realidade.<sup>14</sup>

Esse território frágil de cansaço da memória e de falência da linguagem é fértil para a propagação de fake news (notícias falsas), por exemplo. Esse fenômeno, por sinal, tem sido um dos mais absurdos comportamentos da sociedade na atualidade.

O site da uol, em agosto de 2020, fez um levantamento e expôs uma série de falsas informações propagadas pelas redes a respeito do coronavírus, levando a OMS (Organização Mundial da Saúde) a tratar não somente de questões práticas e científicas para combater a pandemia, mas também a enfrentar uma verdadeira epidemia de desinformação. Dentre essas falsas notícias, alguns absurdos como a utilização de urina de vaca como remédio, a ideia de que

---

13 BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Editora: Relógio d'Água, 1991. p. 104-105.

14 ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. Tradução de Bárbara Heliodora e José Roberto O'Shea. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 351.

os termômetros infravermelhos causariam a morte dos neurônios ou que churrasquinho seria melhor que vacina estão entre as fake news mais disseminadas. A consequência disso foi um aumento considerável dos casos de covid no mundo. Vale destacar que o Brasil estava entre os três países mais afetados pelas fake news e pelo aumento da incidência do vírus.

Além das fake news, vale salientar o comportamento de alguns grupos sociais negacionistas que questionam e procuram arruinar conceitos científicos. Essa estratégia já foi usada para: negar fatos ambientais como o buraco na camada de ozônio; o aquecimento global, as queimadas e desmatamento na Amazônia; negar a existência de desigualdades sociais ou de comportamentos racistas; forçar o ensino do “criacionismo” nas escolas; afirmar que a Terra é plana; e, mais recentemente, negar a eficácia da vacinação.

Diante do absurdo estabelecido na sociedade, qual o caminho para despertar no homem reflexões sobre a sua existência e comportamento ilógicos? Como fazer a linguagem ter novamente um espaço significativo de expressão diante do esvaziamento do presente? Será que uma arte com elementos do Teatro do Absurdo pode ser a trilha para nos fazer compreender a realidade contemporânea e recuperar a poética da nossa existência?

## **como a arte do absurdo é um caminho possível de resgate da poética humana na contemporaneidade**

Diante do absurdo vivenciado na contemporaneidade, talvez o melhor caminho para se resgatar a sensibilidade humana seja através de uma arte que dialogue, represente esses elementos absurdos de forma poética e/ou através do eufemismo do humor.

Essa já era a proposta pioneira dos autores do Teatro do Absurdo, contudo suas narrativas expunham personagens na situação máxima de esvaziamento que ainda era um processo no contexto em que foram escritos. Hoje, vivenciamos, nos comportamentos e pensamentos do homem contemporâneo, fatos e ações que podem ser comparadas a enredos de peças de Ionesco ou Beckett, por exemplo.

Em “A Cantora Careca” de Eugène Ionesco, a questão da memória (ou da ausência dela), que tanto debatemos como consequência do desgaste do corpo-mente humano pelos atravessamentos sociais, já é abordada como consequência do esvaziamento do sentido da existência. Os Smith e os Martin, casais centrais da trama, surgem como a representação do ser humano que não é sequer mais capaz de pensar, sendo seres “autômatos de controle centralizado” (ESSLIN, 2018).

Por outro lado, em “O Rinoceronte”, também de Ionesco, podemos perceber que a mente esvaziada pode ser perigosamente ocupada por correntes de opinião (é o caso, por exemplo, que estamos vivendo na atualidade com o fenômeno do negacionismo do pensamento

científico que ganha mais e mais adeptos), sendo muitas vezes impossível o diálogo com o contrário, pois a ferocidade de apego a essas verdades absolutas levaria as pessoas a agirem de forma selvagem, como verdadeiros rinocerontes (o que não é, infelizmente, muito diferente do que ocorre com os ditos grupos negacionistas que se recusam a usar máscaras durante uma pandemia, como a que se estabeleceu no mundo em 2020).

Dessa forma, percebe-se que a proposta de Teatro do Absurdo dialoga de maneira poética e sensível com a realidade circundante e talvez seja uma forma mais eficiente de levar a sociedade a refletir sobre esses comportamentos do que um debate com argumentos políticos, científicos ou ideológicos. Talvez a poética (ou o riso) sensibilize mais através de um elo empático com as personagens, de uma identificação ou por um confronto mediado pela fabulação.

Outro exemplo que dialoga com esses elementos caracterizadores do Absurdo e que podemos trazer como processo artístico criativo da atualidade, no contexto brasileiro, é o quadro de humor, feito para as redes sociais, mais especificamente o Instagram, denominado “Blogueirinha do Fim do Mundo”. Partindo da criação de uma sátira de blogueiras, a atriz Maria Bopp, em textos irônicos misturados a supostas dicas de beleza ou de cuidados pessoais (muito comuns nas páginas das influencers), apresenta críticas inteligentes a: posturas e falas absurdas de governos; violência contra a mulher; comportamentos sociais inadequados durante o período de isolamento social na pandemia, dentre outras questões de denúncia ao absurdo instaurado na sociedade contemporânea, mais especificamente a brasileira.

Em entrevista ao site da revista *Elástica*, Maria Bopp, ao ser perguntada sobre o surgimento da *Blogueirinha do Fim do Mundo*, demonstra o forte elo da personagem com o Teatro do Absurdo, principalmente de Beckett:

A ideia da blogueirinha veio no final do ano passado, quando fiz um experimento cênico, uma montagem dirigida pelo Tomás Rezende e pelo Thiago Amaral com várias atrizes, uma montagem em cima do texto *Fim de Partida*, do Samuel Beckett. Resumindo bastante, é um cenário pós-apocalíptico. Ele escreveu no pós-guerra, era um cenário pessimista onde dois personagens repetiam uma rotina enfadonha todos os dias esperando o fim do mundo chegar. É muito louco como essa peça tem a ver com esse momento da quarentena que a gente está vivendo agora. Os diretores pediram pra gente levar ideias de como seria nosso fim do mundo e eu levei a ideia da blogueirinha do fim do mundo.<sup>15</sup>

Mais adiante, na mesma entrevista, a atriz afirma que cada ato insensato que ela percebia do governo levava-a a investigar como se posicionavam celebridades, blogueirinhas e influencers nas redes, e o que ela percebia era um silêncio ou a permanência de conteúdos disassociados da realidade em que se inseriam.

---

15 MESQUITA, Giuliana. Maria Bopp & o fim do mundo. *Elástica*, 2020. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/maria-bopp-politica-fim-do-mundo/>

Essas pessoas têm um alcance absurdo, falam com milhões de seguidores que não têm a mesma realidade que elas, e elas poderiam, como agentes da cultura, ter posicionamentos, ajudar as pessoas a olharem as coisas de uma outra maneira. Não sei se é para não perder seguidores ou qual é o critério, mas isso me incomoda muito. Daí, me veio a ideia da Blogueirinha do Fim do Mundo: uma blogueira completamente alienada que, mesmo com o mundo acabando, está com a pele linda, skincare em dia e vídeos pros seus 'seguidores'<sup>16</sup>

Como explanamos anteriormente, a vida virtual trouxe à tona valores que contribuem para o processo de alheamento do homem, pois a identidade virtual é artificial e superficial, cuja preocupação maior é alcançar um algoritmo de seguidores e curtidas. Portanto, o que constatou-se com a proposta artística da atriz é que a provocação por meio do humor e do discurso absurdo da Blogueirinha do Fim do Mundo surtiu efeito, pois levou muitas pessoas a assistirem ao conteúdo e a enxergarem os absurdos sociais ali denunciados de forma irônica por uma personagem superficial.

Dessa forma, por meio da comicidade, a criação de Maria Bopp nos leva a refletir sobre o campo político e comportamental das pessoas, principalmente de alguns influenciadores digitais, que parecem agir de forma teatral, sem identidade política, dentro dos moldes rasos dos contatos cibernéticos. Assim também são alguns vídeos do canal do youtube Porta dos Fundos, satirizando (e denunciando) em textos repetidos e situações nonsense o uso de frases clichês que reforçam posturas rascistas, machistas ou de violência. Muitos episódios disponibilizados no canal trazem situações em que as personagens no extremo absurdo de uma realidade fabulada reproduzem discursos propagados por pessoas no dia a dia, nos seus perfis pessoais de twitter, defendendo preconceitos ou palavras de ódio ou mesmo relativizando desigualdades.

Dentro do processo artístico, tais narrativas atingem seu objetivo de impactar a sociedade, de fazê-la refletir, revoltar-se ou inquietar-se diante dessas personas criadas pelos artistas contemporâneos, bem como pelas montagens e remontagens dos enredos de Beckett ou Ionesco. É por meio da arte, de sua poética, de sua comicidade, de sua linguagem nada objetiva ou produtiva (como a linguagem quase mercadológica do nosso cotidiano) que o ser humano, inquieto, pode enxergar o absurdo e reagir a ele.

## considerações finais

A partir da investigação proposta nesse artigo, foram identificados alguns elementos do absurdo tanto no comportamento do homem contemporâneo como na Arte que tenta dialogar com esse ser humano fragmentado e vazio na sua existência.

---

16 MESQUITA, Giuliana. Maria Bopp & o fim do mundo. **Elástica**, 2020. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/maria-bopp-politica-fim-do-mundo/>

Sendo assim, observou-se que o Teatro do Absurdo e os experimentos artísticos que com ele dialogam podem ser um caminho para que o homem se humanize e compreenda que o absurdo da condição humana pode levá-lo a ações que reforçam ainda mais as máscaras sociais que usamos nessa vivência controlada, bem como salientam os abismos entre grupos sociais.

O Absurdo pode ser a via para compreendermos os poderes simbólicos que nos controlam, pois o artista que trabalha com os elementos do Teatro do Absurdo nos leva a crer numa realidade sugestionada pela trama narrativa, em que há o conflito exposto nas intencionalidades das falas e situações repetidas, na exposição da falência da linguagem nas situações cotidianas ali representadas, na construção de personagens exaustos do convívio num mundo sem sentido.

O uso de uma linguagem poética ou mesmo da comicidade também podem ser reveladores para o público, pois quebram sua artificialidade programada e atingem o âmago de sua existência conturbada, gerando a possibilidade de reação. Mas uma reação para um resgate da humanidade, do olhar empático sobre o outro, da necessidade do encontro.

## referências

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Editora: Relógio d'Água, 1991.

DELEUZE, Gilles. "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle". *In: Conversações (1972 – 1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. Tradução de Bárbara Heliodora e José Roberto O'Shea. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LAPOUJADE, Davi. O Corpo que não aguenta mais. *In: GADELHA, Sylvio (orgs.). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MESQUITA, Giuliana. Maria Bopp & o fim do mundo. **Elástica**, 2020. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/maria-bopp-politica-fim-do-mundo/>. Acesso em 23/01/2020.

MORAES, Igor Dreyde de Sousa. Máquina-homem, Máquina-corpo – Um adeus ao corpo. *In: Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, VI, 2015, Rio de Janeiro. Anais [publicação digitalizada]*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SANTOS, Cléber dos. Conheça as fake news mais absurdas já checadas sobre o coronavírus no mundo. **Tilt: o canal sobre tecnologia da UOL**, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: 22/01/2020.